

APROVINCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor

V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467

MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR

ÁLVARO VALENT

Eternidade

POR ÁLVARO PEREIRA

Perdido no mar revolto da dúvida, eu pergunto a mim próprio para quê este esforço, esta luta, esta ânsia de querer conquistar os píncaros do triunfo, se tudo isto, ao cabo e ao resto, redundará em silêncio, em pó, em nada?!

E quanto mais interrogo o espírito, numa ânsia de querer devassar segredos incompreendidos ainda pelo homem, mais desiludido fico, não tanto por não saber atinar com a resposta desejada, mas por sentir que, no fundo, somos todos vítimas duma ilusão que dura há séculos e, por certo, durará até o dia em que o homem, eterno decifrador de problemas julgados insolúveis, consiga conquistar os domínios da própria morte.

Será isto uma impossibilidade absoluta, total, eterna? Para a mentalidade dos homens de hoje é evidente a afirmativa, mas para a men-

talidade e os recursos dos homens de amanhã tal mistério poderá talvez ser decifrado. A questão está em não se pôr em dúvida a ciência do homem porque ele, a pouco e pouco, arrostando com inúmeros obstáculos e não menos sacrifícios, tem conseguido rasgar os véus de muitos mistérios que dir-se-iam jamais poderem ser descobertos ou desvendados.

É ver a terra como foi revolvida, arroteada, aplanada, para deixar erguer, a par dos terrenos propícios e indispensáveis à alimentação do indivíduo, majestosos edifícios e templos monumentais; é ver o mar sulcado por gigantescos navios, alguns deles mais parecendo cidades flutuantes; e ver ainda o céu violado por aeronaves de porte imponente à procura de rotas distantes, a que a sua incrível velocidade de-pressa as faz tornar mais

(Continua na página 4)

Crónicas Inquietas - 34

AS NOSSAS ALDEIAS

POR ÁLVARO VALENTE

Eu gosto imenso das aldeias do nosso Portugal!

— As suas características já não têm aquela pureza doutrora, — é positivo, é indiscutível.

Os venenos dos grandes meios alastraram como nódoa de azeite, desceram aos povoados como lobos famintos, e corroeram parcialmente as fibras antigas, que eram o orgulho e o brasão desta raça forte e simples.

Em muitas faltam ainda hoje as rudimentares comodidades da vida moderna: a luz eléctrica, os esgotos, a água canalizada, a casa de banho, o telégrafo, o telefone; e quanto a distrações habituais, não há cinema, nem teatro, nem bar, nem dancing, nem clube... nem jornais.

Entretanto, apesar de tantas faltas, o físico e o moral sentem-se mais robustos e retemperados na cura de repouso que essas aldeias nos oferecem.

O regime salutar do «deitar cedo e cedo erguer», im-

põe-se pela força das circunstâncias e vigoriza os arcaísmos.

E ao mesmo tempo, há tanta naturalidade, tanta simplicidade, tanta bondade ingénita, tamanha ternura sem artifícios no trato e na convivência, que vivemos horas felizes e saudosas!

Nas frescas manhãs dos estios ardentes, pouco depois do sol nascer, que bem que sabe descer por congestas e córregos, bebendo o ar subtil e puro, aspirando os perfumes da Natureza em flor, colhendo as amoras silvestres e os «pingos de mel» que se debruçam dos valados a cumprimentar!

E não são eles somente que nos cumprimentam.

De todos os lados nos saltam ao caminho as saudações fraternas dos que vão ao grangeio: «Salve-o Deus, senhor», «tenha muito bons dias», «ora, então, viva», — e, se há maior intimidade: «Como passou? Passou bem

(Continua na página 4)

Atenção ao Ensino Primário

II - O Problema da sua Extensão

Por Victor de Sá

Vimos no artigo anterior que, se a tríade do nosso ensino primário elementar — ler, escrever e contar — bastava para satisfazer as exigências da reforma pombalina ou mesmo da Revolução liberal, quando esta se debatia ainda nos quadros duma economia estritamente agrária — vai há mais de cem anos — as exigências do nosso século, altamente industrializado, implicam a organização dum ensino que se deve considerar de base para a totalidade dum povo.

A totalidade dum povo — isso mesmo foi já outra implicação do desenvolvimento industrial dos tempos modernos.

Se outrora uma nação se personificava num rei ou numas tantas famílias fidalgas (expressão política dum monopólio económico) e o destino dessas pessoas arastava consigo o destino dos seus súditos, agora os súditos transformaram-se em cidadãos, e isso foi possível porque o industrialismo revolucionou a feição social dos povos.

Com efeito, a multiplicidade quasi infinita que a máquina veio trazer à produção, obriga os agentes produtores a uma busca afa-

nosa de mercados para a colocação dos seus produtos. O industrialismo não pode respeitar as barreiras que estruturam uma sociedade dividida em diferentes camadas, de possidentes e de proletários. O industrialismo produz muito mais do que aquilo que as classes possidentes consomem, exige que também as camadas proletárias consumam, para que a produção industrial

seja absorvida. Neste apelo intenso, dramático, incessante a todo o poder de compra, as diferenças sociais clássicas desvaneceram-se e o conceito de democracia generalizou-se e ampliou-se. Com a chamada ao poder de compra veio o direito ao voto. A democracia não é apenas uma teoria política ou uma subjectiva aspiração de indivíduos; é uma exigência social e política determinada pelo novo

(Continua na página 4)

MOTO *Jornal*
Suplemento Quinzenal de
APROVINCIA
Semanário de Informação Cultural e Recreio
Sob a Direcção de
José dos Santos Marques

Publicará no próximo número:

SOLIDARIEDADE NA ESTRADA • O GRANDE PRÉMIO DAS NAÇÕES, NA PISTA DE MONZA • UM CONSELHO DE NINO FERREIRA • AS CLASSIFICAÇÕES DO CIRCUITO MOTOCICLISTA DE LISBOA • A FEDERAÇÃO E OS REGULAMENTOS DAS PROVAS • ACROBACIA — Uma Modalidade Esquecida • O 2.º RALI LISBOA - PORTO - LISBOA • CONSELHOS TÉCNICOS • ACTUALIDADES MOTOCICLISTAS, ETC., ETC..

Mais um número de grande sucesso

MOTO Jornal é a única publicação da especialidade editada em Portugal

ESTREMOZ E A CULTURA MUSICAL

O Orfeão «Tomás Alcaide»



O Orfeão de Estremoz «Tomás Alcaide» é um agrupamento artístico de alto renome. Foi fundado em Março de 1930 pelo Maestro José António de Lima e por Artur Augusto Assunção, actual Presidente da Direcção. É seu Director Artístico o Maestro e Compositor Idalino Cabecinha. A acção benemerente e artística do Orfeão tem sido notável e, pelas suas actuações, honra a cidade que lhe serviu de berço e o país a que pertence.

Liga Portuguesa de Profílixia Social

Excessos Degradantes e Perigosos

Ninguém ignora nem desconhece que, para se verificar uma harmonia e até bem-estar na existência do indivíduo, se torna necessário aplicar à vida prática umas quantas regras, sem as quais essa harmonia não se pode alcançar.

Mas para que esse conjunto de circunstâncias não avassale perigosamente o indivíduo, também é preciso que este utilize o seu bom senso e inteligência, de forma a conseguir uma indispensável moderação e equilíbrio na realização dos seus desejos e necessidades.

Em todas as manifestações da vida tem de haver sempre moderação e equilíbrio—no comer, no vestir, no dormir, no calçar, no fumar, no andar etc.. Se essa condição não for observada, logo a máquina humana se ressentirá, por vezes com funestas consequências.

Vêm estas considerações a propósito de uma local que um importante diário do Porto publicou, e da qual damos um sucinto resumo. Em determinada localidade do País, reuniram-se vários indivíduos—gastromaniacos de respeito—cujo número a notícia não relata, e que se constituíram em grupo, para confraternizar todos os anos, aproveitando a oportunidade para fazerem uma espécie de competição, a ver qual deles come mais.

Segundo o mesmo Jornal, o referido grupo consumiu, em dois dias e duas noites, os seguintes alimentos: 300 litros de vinho, 10 de aguardente, 480 pirolitos, 200 cervejas, 3 garrafas de genebra e um almude de café, 2 carneiros (90 quilos), 30 quilos de vaca, 25 galinhas, 2 paços (4 quilos) um presunto (6 quilos), 110 quilos de pão de fabrico caseiro, 10 arrobas de batatas, 5 arrobas de tomates, 10 quilos de bacalhau, 176 pimentos, 200 ovos, 60 queijos, 20 pepinos, 200 almôndegas, 5 latas de bolachas e 15 litros de abafado.

Por sua vez, o comilão-mor e herói desta bacanal, ingeriu durante o tempo em que decorreu a «festa», o seguinte: perna e meia de carneiro, duas galinhas inteiras e as miudezas de mais quatro, 28 ovos, 69 almôndegas, meio quilo de presunto e 800 grs. de paio, 11 quilos de batatas e 8 de tomates, um quilo de bacalhau com 29 pimentos, 5 quilos de pão, 9 pratos de caldeirada, 7 queijos, meio quilo de bolachas, 21 litros de vinho, 8 decilitros de aguardente, 19 cervejas, 3 decilitros de abafado e 12 cafés.

Mais informa a notícia que este indivíduo não sofre de qualquer doença.

Ora aqui é que não esta-

mos de acordo. Ele se não sofre de diabetes, deve ter, pelo menos, uma forte perturbação mental que lhe permite abusar do seu organismo numa maneira tão ignóbil, sem pensar, se quer, no ridículo a que estaria sujeito com a divulgação de tão extravagante notícia. A cova cedo espera estas pobres criaturas, que parecem ter na vida uma única aspiração, mastigar e engolir.

Nos tempos actuais, em que uma grande parte da população trabalha e luta, por vezes desesperadamente, a fim de conseguir uns poucos escudos para matar a fome, chega a ser um escárnio a maneira como certas pessoas levam a vida, comendo em dois dias o que muita gente não come em dois meses. Infelizes aqueles que colocam o estômago acima do seu próprio cérebro e da sua inteligência.

É curioso notar que, alguns dias após a publicação desta notícia, o mesmo diário inseria a seguinte local: "DAYTON (Ohio), 11—Louis Angoff de 25 anos, apostou 20 dólares que era capaz de beber dezasseis «Cocktails» em duas horas. Ganhou a aposta por boa margem, pois bebeu os dezasseis cacharotes em 1 h. 20m.. Mas daí a bocadinho tiveram de levá-lo para fora do «bar», porque o homem abafava. E não tardou que, no passeio da rua, o homem sucumbisse».

Torna-se, pois, necessário denunciar este e outros dilates e extrair deles aquela lição de equilíbrio e sensatez que fazem distinguir o homem dos animais irracionais.

Acima de tudo, cada indivíduo deve ter sempre presente a prática de actos que o nobilitem e que lhe permitam continuar na sociedade com dignidade para si e honra para a espécie a que pertence.

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º

Telef. 026 245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.

Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos

Consultas todos os dias

das 11 às 13 e das 15 às 17 horas

Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras

R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo

Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º

LISBOA Telef. 48619

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira

Partos, injeções e tratamentos

Rua Sacadura Cabral, n.º 50

TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

Rua Tenente Valadim, 29-1.º

MONTIJO

Telefone 026 576

Data boas Fotografias

Foto Montijense

A função local dum semanário

II

Tratámos no nosso anterior artigo da função geral da Imprensa e generalizámo-la. Dissemos dessa função em relação a qualquer localidade.

Vejamos agora o caso especial de «A Província» em relação a Montijo:

— Este jornal foi fundado com seu maior destino à nossa terra. A todo o instante se ouvia a frase consagrada:— Montijo precisa dum jornal. Que falta faz aqui um jornal!

E esse jornal fundou-se. Satisfez-se assim uma das grandes aspirações dos seus habitantes, e cremos que, desde o primeiro número, «A Província» tem sido o grande cartaz de Montijo. Não há causa justa, iniciativa de valor, interesse regional que não receba, acto contínuo, a aprovação e expansão das suas colunas.

E' evidente que não poderia restringir a sua acção à terra que lhe serviu de berço. O próprio título o indicava. E até, para conveniência dessa propaganda, seria indispensável levá-lo por aí fora, a todos os cantos de Portugal, a fim de acalentar os montijenses espalhados pelo país, dando-lhes notícias do seu torrão, e de mostrar a todos os portugueses a importância desta vila ribeirinha quase desconhecida da maioria.

Assim o temos feito e não estamos arrependidos, antes nos consola a certeza de que cumprimos o nosso dever com galhardia e elevação, com dedicado afecto e extrema persistência.

Esta era uma das nossas obrigações, entre as que fazem parte da função da Imprensa, a que nos temos referido.

Respondem por nós os oitenta e tantos números deste semanário, os números especiais, as campanhas a favor das colectividades, o largo noticiário dos acontecimentos,

as entrevistas publicadas, os relatos de tudo quanto interesse à localidade e a seus arredores,— tudo que consta das suas páginas e nelas está bastante decomentado. Virtutibus majorum est documentum!

Sem possível contestação, afirmamos, pois, que «A Província» tem correspondido ao desejo imanente há muito e às características obrigatórias dum jornal desta feição.

As vantagens resultantes estão à vista de todos, dos sensatos, dos verdadeiros bairristas, dos verdadeiros amigos de Montijo, dos construtivos, dos ansiosos por mais e melhor.

Vejamos agora, ainda noutro artigo, como se tem correspondido às nossas intenções.

Iniciativa interessante

Do Ex.º Dr. Delegado do Procurador da República, nesta Comarca, Dr. António Arlindo Payan Teixeira Martins, recebemos a seguinte circular, com o pedido de publicação, — o que gostosamente fazemos:

Ofício-Circular

Montijo, 5 de Outubro de 1956

Ex.º. Senhor

Por este meio, venho chamar a atenção de V. Ex.ª e simultaneamente solicitar o seu apoio, para uma campanha que propus levar a cabo:— dotar a cadeia comarca com uma biblioteca, ainda que modesta.

Creio serem desnecessárias palavras justificativas, pois o fim de tal iniciativa por si mesmo se impõe— regeneração pela sã leitura de indivíduos, saídos do caminho do BEM, que hoje são «números» (o número que trazem na sua fardeta de reclusos), mas que necessário se torna saíam da cadeia, homens, úteis à Sociedade.

Rogo-lhe, assim, me envie um ou mais livros, jornais ou revistas, que pelo seu conteúdo possam servir o objectivo atrás exposto.

Colaborará, desta forma, V. Ex.ª numa obra singularmente altruista.

O meu antecipado, «bem haja».

O Delegado do Procurador da Republica e

Director da Cadeia

a) António Arlindo Payan Teixeira Martins.

N. R. — «A Província» rejubila com a iniciativa do ilustre Magistrado, dando-lhe inteiro apoio e pronta colaboração.

As nossas colunas estão absolutamente ao seu dispor, certos de que o apelo, constante da circular, será escutado e secundado como de justiça.

Sociedade Electrificadora Tejo, Lda.

Rua Almirante Cândido dos Reis, 18 -- Telefone 026084 -- MONTIJO

Não compre sem consultar os seus preços:

Grande variedade de:
LUSTRES — CANDIEIROS

FOGÕES ELÉCTRICOS
desde Esc. 95\$00

Ferros - Torradeiras - Ventoinhas
- Termo-acumuladores - Aquecedores
Eléctricos - Aspiradores - Encerradoras e Descansos automáticos.



OSRAM

a melhor LAMPADA

TODO MATERIAL ELÉCTRICO
De fios a cabo armado

MOTORES ELÉCTRICOS
Grupos Moto-Bombas e Automáticos

BATERIAS E PILHAS TUDOR

Representantes de Rádio e Televisão
MARELLI -- AGA -- GELOSO

Representantes exclusivos da melhor panela de pressão: PRESTIGE

Encarrega-se de trabalhos de montagens de instalações eléctricas, água e gás

Grandes facilidades de pagamento

ETERNIDADE

(Continuação da primeira página)

próximas. E tudo isto foi e continua a ser, evidentemente, obra do cérebro do homem que, na ânsia de devassar segredos, levantou o mundo de hoje na expectativa de visionar o mundo de amanhã.

Vivemos sob o signo duma grande era — a era atômica — e só Deus sabe os poderosos recursos ainda ignorados que ela poderá oferecer ao indivíduo, à medida que a sua inteligência consiga identificá-los e difundi-los para o bem comum.

A tarefa é pródiga de dificuldades e de canseiras, é certo, mas o homem depressa se habituou a interrogar o seu espírito e, não encontrando as respostas que melhor o contentassem, depressa também se aventurou a descobrir as soluções que melhor pudessem servir as suas dúvidas. É essa ânsia de conhecer o ignorado que o tem levado às regiões misteriosas mas sedutoras

Pela IMPRENSA

O excelente jornal «A Praia do Sol», que se publica na Costa da Caparica e de que é Director o nosso velho amigo António Correia, deu-nos a honra de transcrever o artigo do nosso Director, intitulado «Não há grande, nem pequena imprensa: há apenas Imprensa». Agradecemos, muito reconhecidos, a honra que nos deu.

— Com o seu número 105, de 6 do corrente, completou o seu 2.º aniversário o nosso colega «Litoral», que se publica em Aveiro e de que é Director David Cristo.

Com os nossos cumprimentos pela data aniversária, enviamos os desejos de longa vida e de infinitas prosperidades.

— A «Gazeta das Caldas», que nessa cidade se publica e de que é Director o Sr. Júlio Lopes, fez no dia 1 do corrente 32 anos de existência.

Cumprimentamos com todo o afecto o ilustre Confrade e fazemos votos por muitos e dilatados aniversários.

— A «Voz do Sul», jornal de Silves, de que é Director e Proprietário o Sr. Henrique Martins, completou com seu N.º 1767, de 5 do mês corrente, o 42.º ano da sua existência.

Felicitemos cordealmente e desejamos longa e próspera vida.

— Com seu número 681, de 10 do corrente, completou 24 anos de existência o nosso confrade «O Voz do Calhabé», que se publica em Coimbra sob a direcção de Humberto Cruz.

Felicitemos pelo aniversário e votamos por longa vida de constantes prosperidades.

da ciência e aí, como deslumbrado com as revelações, tem oferecido à humanidade os tesouros das suas maravilhosas conquistas.

Mas o homem não admite, por enquanto, a eternidade

Por
Álvaro Pereira

até porque ela seria incompatível num mundo onde impera a fome, a miséria e o medo.

Viver eternamente no caos, na ruína, na confusão, nos labirintos do ódio e do crime, seria condenar a espécie a viver num inferno dantesco, onde a hora do silêncio eterno jamais soaria. E isso seria pior do que ter a certeza da morte.

Mas esta inquietação que chicoteia o espírito e o deixa atordoado, não impede o homem de visionar outra vida — vida não feita de misérias, de mentiras e até de crenças absurdas. Para tanto, basta que o espírito se refugie, por instantes, no altar da esperança e aí faça a sua oração de fé nos destinos duma humanidade diferente, pois esta, tal como está constituída, não obstante a evolução que a conduziu à actual civilização, enferma de vários defeitos, não sendo o menor o de desprezar o semelhante que replica em vão o seu lugar ao sol.

Nos mistérios da vida como nos mistérios da morte

o homem continua a ser o iludido, o eterno condenado a uma prisão onde as grades são o tempo e a consciência a sua cela. Por mais que se esforce, por mais que queira ver rasgadas e desimpedidas as estradas do futuro, as algemas da dúvida e da ignorância impedirão a sua completa liberdade.

E no entanto, o homem trabalha como se a sua obra jamais fosse extinta; luta como se a sua existência fosse eterna; concebe esperanças e sonhos como se o tempo fosse a fonte de perene juventude. E é nisto, afinal, nesta luta desigual, neste combate inglório, quase patético, que reside toda a beleza e grandeza da vida humana. Para ela, criar é a mais alta aspiração, ainda que tal criação leve as lágrimas do desespero e o sangue da própria vida.

Mas o homem acordará um dia, não importa quando, mas acordará com a consciência libertada deste peso que o esmaga dia a dia e o conduz ao supulcro das suas ilusões. E nesse despertar ele verá raiar o sol da esperança nos destinos duma vida melhor, duma vida mais sã, mais verdadeira com os princípios daquela eternidade que ele só em sonhos vislumbra mas que tudo sacrificaria, por certo, para a ver implantada na terra para sempre e que é, afinal, a eternidade da Paz, da Justiça, da Liberdade e do Amor!

Atenção ao Ensino Primário

(Continuação da primeira página)

condicionalismo económico que é a intensiva industrialização do nosso século.

Assim é que uma nação, hoje, não se pode confundir mais com um grupo mais ou menos restrito de magnates, mas é, sim, a totalidade dum povo. A totalidade que colabora na produção e que a absorve pelo consumo. E porque é uma totalidade, é que o ensino de base constitui hoje em dia uma preocupação fundamental dos povos, tanto mais quanto têm mais clara consciência de si próprios.

Daí resulta que o ensino obrigatório, na já maioria dos países, não se limita a uma fase elementar de 3 ou 4 anos. É já vulgar abranger períodos de 8 a 10 anos, de duração, formando os jovens entre os 6 e os 16 anos de idade. Ler, escrever e contar não constitui hoje em dia, em nenhum país de adiantada civilização, um mínimo de ensino obrigatório, mas apenas a técnica para alcançar o mínimo de conhecimentos.

O ensino de base abrange não só as nações elementares que preenchem o nosso programa de ensino primário, mas ainda noções gerais de geografia e história, física, química, música e a aprendizagem duma língua estrangeira, além da língua nacional (esta aprendida correctamente). Ainda recentemente, foi a França que nos deu esse maravilhoso exemplo. E as medidas le-

gislativas não se limitaram a decretar a obrigatoriedade e a determinar a extensão, mas ainda a providenciar as medidas convenientes a tornar possível e efectiva essa obrigatoriedade. Assim, o ensino é inteiramente gratuito, e, além de que é gratuito o ensino, são gratuitos também os meios de transporte e tudo o mais que é necessário para que a frequência das escolas, durante o período de 10 anos, se verifique com real aproveitamento.

Com uma formação escolar que, depois das escolas infantis (que entre nós não existem, praticamente), conta com 10 anos de frequência obrigatória, a totalidade dum povo alcança um nível cultural que lhe permite exercer com dignidade a função de cidadania. E tanto alguns povos se empenham neste objectivo, que os professores primários auferem o mesmo ordenado dos professores de ensino secundário, sem qualquer rebaixamento de categoria social ou profissional.

A seguir aos 10 anos de instrução de base obrigatória, só então tem lugar o ensino técnico, profissional, secundário e superior. Naturalmente que o acesso a todos estes graus de ensino tem também um papel fundamental para determinar o nível cultural dum povo. Mas, por mais elevado que seja o nível duma obsoletamente chamada Alta Cultura, nunca esta poderá determinar as reais possibilidades culturais duma nação, se a maioria dos que deviam ser os seus cidadãos se basta teoricamente com a tríade elementar de saber abrigatório — ler, escrever e contar...

Temos que despertar da nossa profunda letargia cultural. Com um ensino obrigatório que vai só até ao exame de 1.º grau (3.ª classe), as nossas crianças, que não têm possibilidade de acesso a mais estudos, ficam simplesmente ignorantes. E aquelas que logram frequentar os liceus e outros estabelecimentos de ensino, essas mesmas sentir-se-ão numa situação de inferioridade cultural se for estabelecido o paralelo com o nível alcançado pelas crianças dos outros países.

Ora o mal não está na inferioridade cultural das crianças portuguesas, mas sim nos defeitos profundos da nossa organização escolar, a começar pelo ensino primário.

Encaremos com objectividade o problema — e corajosamente. É de fundamental importância para o futuro da nossa Pátria.

Victor de Sá

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

As nossas Aldeias

(Continuação da primeira página)

a noite? A senhora e os meninos vão bem?».

E nós a ouvi-los e a lembrarmos que, nas terras onde habitamos, neni, sequer, nos olham com bons olhos!

Depois, o apetite é devorador.

A gente acaba duma refeição e já está pensando na seguinte...

O que nos vale, é que nos chegam de toda a parte e a todo o instante as ofertas amigas: a broa quente, a fumejar do forno, as cestadas de figos, peras, maçãs e uvas, as mólhadas de nabçases e couves, as abadas de tomates, vagens, batatas, pimentos e pepinos, com seu ramo de salsa ao de cima.

É um nunca acabar!

E de vez em quando, este que vem trazer uma garrafa para a prova, um garrafão «que não é mauzinho», uma botija da geropiga especial «para a sossega», e assim por aí adiante.

E tudo isto, porquê?

Porque fomos até suas aldeias, às terras e às casas deles, porque somos «de fora» e é preciso hospitalidade e carinho, porque lhes

podemos dar importância e utilidade aos pobres lugarejos, quase sempre esquecidos e abandonados.

Pelas tardes, passada a calma, o langor, e a sesta, vai-se à conversa pelos estancos e cubículos, dão-se novos passeios por novas azinhagas ou desce-se até o rio, de paisagens estupendas, onde as lavadeiras batem a roupa e os catraios saltitam de tórso em tórso.

E às noites, após o succulento jantar, descansa-se nos bancos do pequeno largo, gozando a viração que nos bafeja e falando com os que chegam nas triviais ocorrências do dia a dia local.

Dentro em pouco, porém, os bocejos explodem e nós e este e aquele, os do «cavaco» insosso, somem-se pelas travessas em direcção aos lares.

E isto ontem, hoje, amanhã, numa igualdade sem deslize, naquela monotonia que parece neurastenizar mas que dá saúde ao corpo e ao espírito, que enrija e fortalece a fibra e o subconsciente.

Aldeias de Portugal! Último refúgio dos esgotados, dos saturados das farsas,

dos fartinhos das mentiras e das «poucavergonhas», dos estoirados pelo cinismo, pela traição, pela vaidade incommensurável dos irmãos, pelas tratandas dos habilidosos companheiros da vida.

Como eu gosto das nossas aldeias, pequeninas, humildes, tranquilas, sinceras!

— Salve-o Deus, senhor!

— Tenha muito bons dias!

— Ora, então, viva!

Que contraste e que horror cá por baixo, entre os civilizados e pantomineiros:

— V. Ex.ª como está?

— V. Ex.ª vai bem de saúde?

Como vai V. Ex.ª e sua Ex.ª Família?

E que saudades nos fazem as frescas manhãs, as tardes calmosas, as noites luarentas, a fonte que gorgoleja de ninfa pura, a ribeira que serpeja entre choupos e calhaus, os rebanhos que caminham pelos atalhos em direcção aos montes, o ti Manel dos molhos de lenha e a tia Zefa que vai aos carolos!

Aldeias de Portugal, do meu país de quimeras e de belezas ideais!

Eu vos saúdo!

Álvaro Valente

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

VIGO, — a majestosa cidade

IV

Eu já conhecia, de há quarenta anos, a cidade de Vigo. Pouco, porém, me lembrava de pormenores. No entanto, quando ali cheguei, tive logo a impressão do seu desenvolvimento e progresso.

Vigo é hoje uma linda cidade da Galiza, é uma das terras mais belas de toda a Espanha. O seu porto de mar, esse estuário magnífico da sua baía, os panoramas marítimos, as avenidas amplas, as praças ajardinadas, os monumentos, os altos deslumbrantes, — tudo concorre para dar ao visitante a certeza do seu valor e importância.

Tínhamos pouco tempo para observar. Chegámos pela tarde adiantada; e, depois da instalação e de algumas voltas pelas ruas, eram horas da comida.

Antes do jantar, aconteceu-me uma partida original:

Eu tive sempre grande admiração pela poetisa galega Rosália de Castro, e gostava imenso de possuir uma biografia sua. Fui a um livrarei das avenidas e procurei o livro que desejava e que poderia satisfazer a minha curiosidade.

O velhote que ali estava — espécie de relíquia da antiga literatura —, olhou-me de alto a baixo e disse-me: Não conheço! Não sei quem é.

Fiquei estupefacto! Com certa acrimónia, respondi-lhe:

— Rosalia de Castro (em espanhol é Rosalia e não Rosália), a gloriosa escritora galega, a eminente poetisa cujos restos mortais estão em Padron!

— Não conheço, já lhe disse, — retorquiu o rabujento.

Então, sem me poder conter, repliquei com energia: Pois é para admirar. Nós, os portugueses, conhecêmo-la tanto e temos pela sua memória tamanha veneração que até lhe erigimos um pequeno monumento na cidade do Porto!

O velhote voltou-me as costas e foi atender outros clientes. Saí aborrecido e desconsolado com o incidente. Volto a esquina para seguir à Pensão e leio na placa: *Calle Rosalia de Castro*. Pois o pobre de Cristo, a dois passos dessa rua, não conhecia, nem de nome, a imortal poetisa galega!

A noite foi ensossa. Maçados da viagem, sonolentos, apenas nos apetecia a cama. Entretanto, outros companheiros, certamente mais novos e mais buliçosos, foram até o Casino e a um Circo que funcionava perto da Pensão.

Outro incidente tive ainda nessa noite: O meu neto mais velho, depois do jantar, começou com uma cólica in-

testinal, — coisa de pouca monta, mas que requeria o saco de água quente do costume. Dois pedidos, três recados, quatro insistências, e o saco sem aparecer! A certa altura, já desesperado com a desumanidade e indiferença, dirigi-me ao proprie-

Crónicas e Reportagens por Álvaro Valente

tário e gritei-lhe: Ou me arranjam imediatamente o saco de água quente para o meu neto ou vou queixar-me à Delegação do Turismo.

Foi remédio santo! Dois minutos depois já lá estava o decantado saco... e a cólica passou. Aqui fica o alvitre para futuros acontecimentos deste e doutros géneros.

No dia seguinte, manhã bem cedo, resolvi chamar um carro e visitar o que fosse possível até a hora da partida. Foi a única maneira de ver alguma coisa.

Logo de entrada, diz-me o motorista: *Puede usted hablar portugués*. E acrescenta que esteve dezoito anos ao serviço dum senhor de Portugal e, portanto, sabe disto a fundo...

Não foi nada! Dali em diante foram tantas e tantas parvoçadas que cheguei a pedir perdão aos manes de Manuel Bernardes e de Faustino da Fonseca!

Passámos pela Praça de Portugal e lá vimos o busto de Camões, — o busto del príncipe de los poetas lusitanos.

— *Gracias, muchas gracias*, — grito eu para os ares

viguenses, como se ali estivesse o representante do *ayuntamiento*...

Seguimos ao *Parque del Castro*. A paisagem que se disfruta é surpreendente; Descortina-se toda a baía. Vêem-se nos longes esfumados as silhuetas das terras fronteiriças. O motorista, — nosso cicerone de ocasião —, aponta e enumera: *Las islas Cies, las playas de Domayo, San Adrian, Moaña, y Cangas, — la última de de ellas orgullosa de su fábrica de conservas, más importante de España!*

Isto, sim, que é português vernáculo!

O parque é, efectivamente, digno de visita, por esta paisagem e ainda porque está bem aproveitado, com pequenos jardins, pracetas, escadarias bem lançadas, — locais onde repousam os olhos e o pensamento divagante.

O guia vai dizendo mais barbaridades linguísticas. Esclarece que um senhor *alcaide* de Vigo fez tudo aquilo e se preparava para fazer muito mais, quando foi posto a andar, sem mais contemplanções. *Una barbaridad!*

E continua misturando o galego, o português, e o catalão, de tal modo que provoca arrepios...

E continua também apontando: Agora disto (sic) lado, *isla de San Simón, Cesantes, Arealonga, Samil, Corujo, Caido, playa América, la Ramallosa, etc., etc.*

Estamos encantados com as praias, com o panorama, e com o guia!

Seguimos, então, para o parque de Quiñones de León, a fim de visitarmos o museu.

(Continua)

Desejo

Tomara-me amanhã,
Quero ser outro!

Quero abraçar meu irmão que roubei
E reaver os passos que perdi.
Quero dar vida às vidas que matei,
Colher as ilusões que não senti...

Tomara-me amanhã,

No amanhã sem horas compassadas,
Em que o Sol já não seja só um fio
Que mal aquece as vozes degradadas,
Levadas no enxurro deste rio...

Tomara-me amanhã,

No amanhã de luz que seja meu,
Sem lonjuras de tarde que se esfria,
No que separa o crente do ateu,
Neutro de sonhos e de nostalgia!

Quero ser outro...

MANUEL ROVISCO

A arte de não ser doente

Pelo Dr. Celestino Gomes

O Dr. Celestino Gomes, corajoso colaborador do «Diário de Notícias», onde semanalmente assina a crónica médica «É bom poupar a saúde», acaba de publicar agora «A arte de não ser doente», obra meritória em todos os aspectos, que satisfaz plenamente as ansiedades do homem da época actual, num jeito de comunicação fácil e atraente, onde não há termos arrevezados, nem fórmulas, nem citações de complicada interpretação, servindo a todas as classes e a todas as idades.

Focando temas de alta importância como a cinta, a surdez, o ferro, a tina, as águas minerais, os animais nossos inimigos, insectos e insecticidas, a cebola, o bom melão, as hortaliças do mar, a tâmara, os morangos, os macarrões, os figos, as ostras, o chu-chu, o «ghee», o café, o tabaco, o hachish, os problemas alimentares sempre actuais, (o que mata e o que engorda) falta de apetite, as combinações alimentares, alimentação de verão, ali-

mentos e temperamento, a alimentação, a obstipação, os perigos dos laxativos, (todo o mal vem da barriga) e outros como o do repouso, (o bom sono é indispensável, a cura de sono, as doenças do barulho, nervos em pé, desequilíbrio mental, perigo n.º um, a loucura é contagiosa?) ou o da longa vida (mocidade ao alcance de todos, viver mais e melhor, envelhecer, mas devagar, a prova gerontológica), leia *A arte de não ser doente* quem deseje conhecer o modo como há-de defender-se de si próprio e das doenças pelos processos mais simples e acessíveis, sem remédios de botica nem operações. Um calendário de higiene ensina ainda, para cada mês do ano, a melhor higiene individual e até algumas receitas culinárias tradicionais, muito úteis.

A arte de não ser doente lê-se com prazer e guarda-se com proveito, para consulta de cada instante. Edição simples, elegante e de impecável apresentação.

Publicações Recebidas

— *Guia Geral da Camionagem* — N.º 3.

Este Guia é duma utilidade manifesta, com todas as indicações necessárias e esclarecimentos precisos para quem viaja.

Refere-se aos meses de Julho, Agosto e Setembro do ano corrente, é uma realização «Eco», e tem sua sede em Lisboa, na Alameda D. Afonso Henriques, 19-5.º Direito.

— *Cultura* — Educação Popular — N.º 5, referente a Setembro e Outubro deste ano.

Sob a direcção do Dr. *Fração de Faria*, e com um quadro de colaboradores muito distintos, a «Cultura» segue no caminho encetado, com o propósito firme da divulgação popular. O presente número assim o demonstra. O sumário é variado e os assuntos do maior interesse.

Nele se faz também a campanha dos 10.000 assinantes.

Fazemos sinceros votos pela realização deste ano.

— *Boletim da Casa do Alentejo* — N.º 234 — Outubro de 1956. — Director: Dr. *Victor Santos* — Lisboa, Portas de Santo Antão, 58.

Abre este número com um artigo sobre maneira interessante para a nossa terra e para as regiões circunvizinhas: «Túnel sob, ou ponte sobre o Tejo?». Depois de dados estatísticos, insere as providências em curso para melhoramento das actuais condições de ligação entre as duas margens.

Uma página de agricultura, outra sobre os Humanistas de Quinhentos, outra dedicada ao centenário de Fialho, e as restantes a assuntos vários e da maior importância regional, tornam o Boletim extremamente atraente e sugestivo.

— *Rodoviária* — revista de Transportes e Turismo — N.º 13 — Director e proprietário: *Oliveira Santos*, redacção na Rua dos Navegantes, 58-1.º Esquerdo — Lisboa.

Esta publicação mensal, que há pouco tempo comemorou seu 1.º aniversário, impõe-se cada vez mais pelo seu aspecto esplêndido, sua colaboração esmerada, e suas reportagens do maior interesse.

Rodoviária é já uma realidade efectiva no nosso meio jornalístico.

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204-9
MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Português de ponta a ponta

Cinal Pachancho**VELOMOTORES****ARRANQUE POR PEDAIS**

(Montado nos ciclomotores CINAL - PACHANCHO dos modelos: ESIRELA, ATLAS e EVEREST).

CARACTERÍSTICAS: Monocilíndrico, a dois tempos, de arrefecimento a ar. Cilindrada de 49,9 c. c.; potência de 2,5 H.P. a 5.000 r. p. m.; caixa com 5 velocidades e embraiagem de discos múltiplos em banho de óleo. Ignição por volante magneto BOSCH com dínamo de 17 w. para iluminação. Transmissão directa por corrente. Arranque por pedais. Silencioso de grande expansão com amortecedores de ruídos. Velocidade: 60 k/h. Consumo: 1,8 litros aos 100 km.

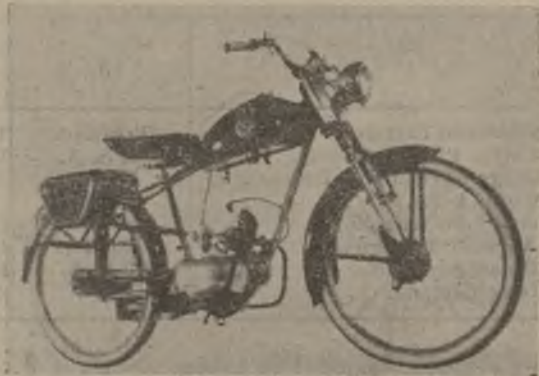
ARRANQUE POR KICK - STARTER

(Montado nos ciclomotores CINAL - PACHANCHO dos modelos: AUSTRALINA e HIMALAIA).

CARACTERÍSTICAS: Monocilíndrico, a dois tempos, de arrefecimento a ar. Cilindrada de 49,9 c. c.; potência de 2,5 H.P. a 5.000 r. p. m.; caixa com 5 velocidades e embraiagem de discos múltiplos em banho de óleo. Ignição por volante magneto BOSCH com dínamo de 17 w. para iluminação. Transmissão directa por corrente. Arranque por Kick-Start. Silencioso de grande expansão com amortecedor de ruídos. Velocidade: 60 k/h. Consumo: 1,8 litros aos 100 km.

As estrondosas vitórias obtidas na pista do Sporting, no Circuito de Lubugo e agora no Circuito de Monsanto pelos motores Pachancho, vieram chamar as atenções dos velomotoristas. MOTO Jornal apresenta os dois motores Pachancho e o modelo Himalaia dos vários em que se fabricam os velomotores Cinal-Pachancho.

Nes velomotores que vimos em acção foi adoptado um selim corrido e eliminados os guarda-lamas, faróis e outros acessórios dispensáveis.

**Equipada com Motor Pachancho tipo «KS»**

Quadro em tubo de aço reforçado, com amortecedores traseiros tipo telescópico de dupla acção; forqueta paralela telescópica; guarda lamas fundos com abas. Rodas com aros de 43 mm.; pneus de 24 X 1 3/4 X 2. Cubos com travões de cinta «Super-freio ACA». Selim «Confort» de suspensão central. Depósito com capacidade de cerca de 9 litros. Suporte de bagagens com malas laterais e porta-luvas cromado sobre o depósito. Instalação eléctrica CEV: farol cromado, com lâmpada bilux e claxon. Ferramenta e bomba. Acabamento: Esmaltado a fogo; componentes usuais cromados.

Simotal

Representantes em Portugal da famosa marca

HEINKEL

Orgulha-se de poder anunciar os triunfos conseguidos no

I CIRCUITO MOTOCICLISTA DE LISBOA

Categoria 500 c. c. (sport) — 1.º José Luís Salgado.

Categoria 500 c. c. (competição) — 2.º José Luís Salgado.

Ambas as classificações obtidas em Norton's afinadas nas suas oficinas.

Categoria de scooters — 1.º e Vencedor absoluto, Ângelo Diniz, em HEINKEL 175 c. c., competindo com máquinas de 200 c. c.

Scooters com side-car — 1.º Ângelo Diniz, em HEINKEL.

SIMOTAL

Av. de Roma, 27-A

Telefone 776319

LISBOA

MOTO

N.º 4

Suplemento Quinzenal de

A PROVÍNCIA

N.º 83 — Lisboa, 11 de Outubro de 1956

SOB A DIRECÇÃO DE

José dos Santos Marques

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA GUSTAFSSON — TELEF. 386.386 — MONTEJO

MENDO SARAIVA LOBO

NÃO é a propósito de tudo e de nada que o nosso jornal tece elogios. Não somos louvaminheiros, mas não deixaremos nunca de prestar sincera homenagem a quem a mereça. Todos os homens, com os seus defeitos e as suas virtudes, podem ser grandes e pequenos, paralelamente. Mendo Saraiva Lobo é já uma figura grada e indispensável no meio motociclista português e a quem se fica devendo várias iniciativas, cujos benefícios todos nós poderemos verificar.

O seu temperamento reflecte, simultaneamente, teimosia e condescendência. Um colega da Imprensa disse a nosso lado que para ele não havia dificuldades, a tudo dizia que sim. Fê-lo, porém, com um sorriso depreciativo e empregando um termo de gíria. Todavia, bem poucos seriam capazes de compreender quanta força de vontade, de trabalho e de persistência esse homem representa.

Acatemos contrafeitos ou de livre vontade as suas atitudes, ou não as acatemos mesmo, louvêmo-lo ou condenêmo-lo, o que não lhe podemos negar é o valor que possui.

O Circuito Motociclista de Lisboa, para aqueles que comodamente sentados nas bancadas ou na relva de Monsanto contemplaram os concorrentes em acção, nada mais representou que uma corrida de motos que se vê com melhor ou menor agrado, nada mais foi do que

foi o homem extraordinário a cuja tenacidade e força de vontade inigualáveis se deve a esplêndida jornada motociclista de Monsanto.

um espectáculo de emoções fortes.

Só, porém, Mendo Saraiva Lobo e os seus incansáveis colaboradores, que tão impor-



tante acção desenvolveram, sabem quantas canseiras, quantos sacrifícios, desânimos e incompreensões foi preciso suportar para que todos nós pudéssemos admirar esta magnífica demonstração desportiva.

Houve lapsos, erros ou defeitos? Certamente. Numa Organização tão complexa seria impossível eliminá-los totalmente. Antes, porém, Circuito com defeitos do que não haver Circuito.

Não se poderá negar o prestígio que o I Circuito Motociclista de Lisboa veio trazer para o Moto Clube de Lisboa. Sejam muitos os sacrifícios, enormes as dificuldades de toda a espécie, estamos certos que o grande obstáculo de futuras realizações deste género foi, finalmente, removido. Isto é o que mais representa nas conquistas feitas por Mendo Saraiva Lobo e a ele se ficará devendo, para sempre, este inestimável ponto de partida.

Esta despretençiosa homenagem que MOTO JORNAL lhe presta terá, estamos certos, o apoio dos motociclistas portugueses.

Aqui lhe deixamos publicamente consignado o nosso sincero abraço de parabéns.

José dos Santos Marques

MOTOS • SCOOTERS • VELOMOTORES

Arquivo

MUITOS são os incitamentos, as boas e amigas palavras e as referências que *Moto Jornal* tem recebido na sua curta existência.

Para que possam demonstrar aos mais cépticos ou menos entusiastas o que *MOTO Jornal* representa já e como nos vêem aqueles que, verdadeiramente, pugnam pelo progresso do motociclismo e da sua imprensa, os arquivaremos nesta secção — não a todos, evidentemente — mas aos que o acaso distinguir entre os muitos que diárinamente nos chegam às mãos.

MOTO Jornal

«Em suplemento quinzenal do nosso prezado colega «A Província», do Montijo, iniciou a sua publicação um novo jornal, que se apresenta como defensor dos interesses dos motociclistas, «scooteristas» e velomotoristas, a cuja especialidade promete dedicar-se exclusivamente.

Dirige-o o sr. José dos Santos Marques, cujas qualidades brilhantes de jornalista são uma segura garantia de que «*MOTO Jornal*» há-de atingir completamente os objectivos que visa. Fazemos sinceros votos para que assim seja, e enviamos ao nosso amigo e prezado colaborador José dos Santos Marques, e aos camaradas de «A Província», cumprimentos de parabéns pela feliz iniciativa.»

de «Notícias do Algarve»

«Li com verdadeiro interesse o primeiro número de *MOTO Jornal*».

A criação dum jornal para uma modalidade como o motociclismo impenha-se.

Igualmente desejo que este suplemento, hoje pequeno, se vá tornando, a pouco e pouco, cada vez maior e deve ser esse o desejo e único pensamento de todos os motociclistas, «scooteristas» e velomotoristas portugueses.

Sarmento Rebêlo

«O aspecto gráfico de *MOTO Jornal* é atraente e os artigos já publicados são de muita utilidade e interesse para todos os que utilizam veículos de duas rodas. Faço sinceros votos para que motociclistas, scooteristas e velomotoristas procurem, como é seu dever, auxiliar tão útil e necessário empreendimento».

Alberto Carlos Simões

Da mais importante revista espanhola de motociclismo, «*MOTO Record*», recebemos um amável ofício no qual se diz:

«Hemos recibido los dos primeros números de su magnífico jornal, en lo qual hemos apreciado un noble afán periodístico, por lo que esperamos obtenga en su Pátria un señalado éxito».

Júlio Gonzalez Cabañas
Director

(Continua na página 3)

Como se ganham provas

GANHAR uma ou outra prova não é coisa difícil, mas ganhar muitas provas já não é muito fácil.

A base para qualquer concorrente ganhar muitas provas, com tacos ou sem tacos, obedece, essencialmente, a um conjunto de factores em que o principal é a habilidade natural para a prática de qualquer modalidade.

O motociclismo, ao contrário de qualquer outro desporto, requer, sem dúvida, várias qualidades, tais como: coragem, reflexos rápidos, decisão e consciência, mas nunca uma mocidade transbordante, pois desses casos estão os cemitérios cheios.

Quem privar de perto com qualquer piloto, tanto de moto como de automóvel, terá a impressão de que está na presença de um homem doido sem a menor consideração pela sua vida, sem amor aos seus, aos camaradas ou a si próprio. Terá, porém, uma noção errada. Os homens que gostam das velocidades, os que fazem desporto nas duas ou nas quatro rodas, são geralmente sensíveis à dor alheia e impressionáveis como qualquer cidadão que gosta de jogar a canasta. Essa rudeza e a excitação que por vezes demonstram não é mais do que vida, virilidade, adaptando-se quase sempre aos mais variados misteres na vida social, sem perigo para a sua conduta.

O homem que se dedica ao motociclismo de competição, seja em que modalidade for, terá que ter certa robustez física, fazendo uma vida tanto quanto possível sem preocupações e limitar todos os excessos, tornando-se num homem calmo, capaz de se controlar a si mesmo. E ai dos que se descontrolam, quer com as sucessivas vitórias ou quando aparece um adversário com mais classe.

O corredor deve aprender a dominar-se, tanto nas horas boas como nas más, a sofrer, mas para consigo, e a reagir no momento oportuno, sem amesquinhar os outros e provando que é o melhor na hora da verdade.

Uma inspecção médica, pelo menos duas vezes por ano, é aconselhável, porque o coração tanto sofre com as vitórias como com as derrotas e nele tudo se regista, sem se poder ler o que se passa.

Seguidamente temos a máquina. O corredor deve prestar-lhe uma assistência perfeita e habituar-se a conhecê-la e a compreendê-la como se compreende um ente querido. É o próprio dono quem deve mexer-lhe, não esperando que o mecânico dê com as mazelas. Ele próprio deverá saber até que ponto pode tirar proveito da sua máquina. Há quem altere as características de uma máquina, mas isso, a meu ver, é um erro dos maiores. Não estamos ainda à altura de fazer alterações sem consultar os engenheiros que as conheceram.

Máquinas bem afinadas sim, mas de catálogo. O resto virá com o tempo e se

não vier cada qual é para o que nasce

Outra parte importante no concorrente é ler com atenção e saber para que serve um regulamento, tirando dele o máximo proveito, sem atropelar o Regulamento Desportivo Nacional. Já tenho presenciado alguns concorrentes não saberem como é a prova complementar, fazendo esforços terríveis para decorar o esquema nos últimos momentos, antes de iniciar a sua prova. Além do nervosismo que deles se apodera, por estarem a escassos segundos da partida, têm ainda a inferiorizá-los a esgotante competição que, por vezes, fizeram no decorrer da prova de estrada, na qual, em certos casos, foi necessário andar na casa dos cento e tal quilómetros à hora. É preferível, todavia, lutar contra o tempo do que com concorrentes que frequentemente se tornam perigosos não só para si próprios como para os outros.

No que se refere a provas complementares, teria muito que dizer, mas vou apenas focar alguns pontos

que julgo serem suficientes para esclarecimento do que é uma prova complementar.

As provas complementares, não foram inventadas pelos portugueses. Têm a sua razão de ser e servem para pôr à prova os recursos do condutor, após uma longa caminhada. Na verdade, a maioria dos concorrentes a tudo chama provas de perícia, o que nem sempre corresponde à realidade.

A perícia, propriamente dita, aparece sempre, desde que não seja um quilómetro de arranque, um quilómetro lançado ou outra qualquer prova em que o piloto nada mais tenha que fazer do que meter mudanças e abrir gás.

O que há são provas onde conta mais a potência de um motor, do que propriamente a habilidade do condutor, como por exemplo as provas complementares do Rali à Praia da Rocha. Por outro lado, nem só as provas com tacos têm perícia. Uma travagem bem feita, uma curva em ângulo recto, num circuito, exige perícia; um lombo de estrada, como há no TT inglês, a prova máxima do campeonato do mundo, tem perícia; o grande corredor que se chama Geoffrey Duke chega a ir pelo ar mais de dez metros. O corredor de pista tem, igualmente, a sua perícia. Enfim em tudo existe perícia, que significa habilidade.

O que prejudica a maioria dos concorrentes é quase sempre não terem bem na cabeça o esquema da prova e quanto maior for a velocidade obtida nessas provas mais dificuldades têm. A fadiga, proveniente das grandes quilometragens, não cansa os músculos mas adormece os reflexos e daí os enganos, as más travagens, os despistes, etc..

Outro aspecto vulgar nas provas complementares é a falta de aproveitamento total das velocidades. Isto

(Conclui na página 6)

POR
Afonso Espalha

O 1.º Circuito Motociclista de Lisboa

TREINOS

Prova - «Ministério da Educação Nacional» - Classe A - Motos - «Competição 500 cc.»

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
26	Giordano Ferreira	Triumph	1m., 46, 61 s.	97,991	6.º
29	Carlos Pinto	B. S. A.	1m., 53, 19 s.		7.º
31	Jorge Carvalheira Ramos	Norton	1m., 44, 65 s.		5.º
49	António Pinto	Norton	1m., . . . 42 s.		2.º
61	José Luis Salgado	Norton	1m., 44, 39 s.		4.º
67	António Rodrigues	Norton	1m., 41, 03 s.		1.º
77	Domingos Catula	B. S. A.	1m., 42, 46 s.		3.º
78	Isaac Caetano	B. S. A.	2m., 01, 38 s.		8.º

Prova — «Câmara Municipal de Lisboa» — Classe B — Motos «Sport 500 cc.»

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
6	José L. Palet Santos	Matchless	1m., 53, 38 s.	100,477	14.º
27	Giordano Ferreira	Triumph	1m., 49, 49 s.		7.º
28	Angelo Marques Ferraz	B. S. A.	1m., 42, 72 s.		4.º
32	Jorge Carvalheira Ramos	Norton	1m., 48, 34 s.		11.º
33	Francisco Craveiro Oliveira	Norton	1m., 45, 38 s.		9.º
47	Adelino Oliveira Teque	Norton	1m., 50, 79 s.		12.º
48	Afonso H. Sancho Espalha	Triumph	1m., 44, 46 s.		6.º
50	José A. Nunes da Silva	Royal Enf.	1m., 51, 88 s.		13.º
51	António Pinto	Norton	1m., 40, 60 s.		2.º
66	José Luis Salgado	Norton	1m., 38, 53 s.		1.º
70	Joaquim J. Pereira Sousa	Norton	1m., 46, 73 s.		10.º
80	Isaac Caetano	B. S. A.	1m., 42, 29 s.		3.º
101	Adelino C. Gadanho	Triumph	1m., 43, 03 s.		5.º
102	Valentim Lopes Neto	Triumph	1m., 44, 78 s.		8.º

Prova — «Direcção Geral Desportos» — Classe C — Motos «Sport 350 cc.»

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
25	Carlos A. Miranda Ferreira	B. S. A.	1m., 46, 66 s.	92,818	1.º
107	João Piçarra Brito	Royal Enfield	1m., 53, 81 s.		2.º

Prova — «Automóvel Clube de Portugal» — Classe D — Motos «Sport 250 cc.»

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
3	José Nunes Correia	Gilera	1m., 50, 32 s.	91,939	2.º
14	Manuel F. Gomes Terenas	Gilera	1m., 51, 21 s.		3.º
15	José António da Cruz	Gilera	1m., 56, 45 s.		7.º
24	Luis Fernandes	Puch	1m., 53, 42 s.		5.º
30	Fernando Espírito Santo	AerMacchi	2m., 10, 75 s.		8.º
35	Domingos Malhou	Parilla	1m., 47, 68 s.		1.º
36	Alvaro Ferreira	Parilla	1m., 53, 10 s.		4.º
69	Victor Névoa	Victoria	1m., 55, 74 s.		6.º

No próximo número daremos o resultado dos restantes treinos e a classificação geral das provas.

(Conclusão das páginas centrais)

Na classe de sport distinguiu-se o Cucciolo pilotado por Eduardo Silva com mais de um minuto de avanço sobre o segundo.

Esta prova foi uma das mais espectaculares. As pequenas máquinas, desenvolvendo apreciáveis velocidades, conseguiram empolgar os espectadores e as posições tomadas pelos pilotos sobre as suas máquinas tornavam-se curiosas e grotescas.

A organização da prova não carece de reparos e a montagem de todos os serviços relativos ao Circuito estavam impecáveis.

A Cruz Vermelha Portuguesa montou um hospital de emergência que, felizmente, não foi necessário e um perfeito serviço telefónico.

Apenas a Imprensa ficou mal instalada pela exiguidade da bancada que lhe foi reservada e pela altura demasiada em que a mesma foi colocada, mas não cremos que isso possa ter influenciado na compilação do noticiário.

Em prejuízo da organização — que certamente terá de arcar com um grave problema financeiro — verificámos a legião interminável de livre-trânsitos, bastantes dos quais fornecidos a quem nada fez. Pela nossa parte, não só, pagámos o bilhete de parque de todas as viaturas em serviço, como ainda as entradas da maior parte da nossa equipa de reportagem. Damos, porém, o dinheiro por bem empregado, porque tudo será pouco para compensar o Moto Clube de Lisboa pela excelente realização desportiva que nos proporcionou.

A ordem das provas foi a seguinte:

Sábado: Corrida das Classes F e G e corrida das classes C e D.

Domingo: Corrida das classes E e H; corrida da classe A; corrida da classe I e corrida da classe B.

O Clube Desportivo de Belas

Instituiu a taça «MOTO Jornal»,
para ser disputada no Festival
Motociclista que organizou.

○ interessante Festival Motociclista que o Clube Desportivo de Belas organizou sob a competente direcção de Alberto Simões, motociclista da velha guarda, despertou grande entusiasmo e reuniu apreciável número de concorrentes, mas só no próximo número poderemos dar as classificações.

O festival constou de gincanas para motos e scooters e provas de acrobacia e decorreu com grande brilhantismo.

Foram numerosos os prémios disputados entre os quais se destacam as taças: MOTO Jornal, Vera Mastbaum, Mendo Saraiva Lobo, Junta da Freguesia de Belas, José Félix, A. de Campos Junior, Índia, Humberto Avelar, etc. e várias medalhas.

Ao lado dos prémios estava exposto, por iniciativa dos organizadores, que muito nos honra e agradece-mos, um cartaz de propaganda de MOTO Jornal.

Esperamos que o simpático Clube desportivo de Belas organize várias outras provas motociclistas e poderá sempre contar com a nossa colaboração na divulgação dos mesmos.

Como se ganham provas

(Conclusão da página 2)

mesmo dá-se com alguns veteranos. Não se pode admitir que máquinas no apogeu da sua força façam tempos péssimos em relação a máquinas de menor cilindrada e algumas já cansadas, salvo claro está uma mudança que saltou fora ou outra infelicidade que a qualquer acontece.

Na parte que se refere a tacos, é de toda a conveniência saber onde se esgotam as velocidades de qualquer máquina. Já tenho presenciado alguns concorrentes meterem, no espaço de 250 m. a terceira e darem a volta aos tacos em segunda, motivo porque saem lentos e já sem possibilidades de recuperação.

No aspecto de travagem, a coisa é mais complicada. É sempre aconselhável um bom poder de travagem. É feio e produz mau efeito, o curso de atirar a máquina para o chão. Além de não se saber o que possa acontecer ao concorrente, o público pode ser atingido pela máquina. O mais perfeito é estudar o terreno e ver qual o poder de aderência em relação ao estado dos pneus de cada concorrente. É errada a ideia de se dizer que o piso é bom, agarra bem. Se para uns agara bem, para outros pode não agarrar; além disso nem todos os pneus têm o mesmo poder de travagem. Quanto a mim, confio no Pirelli ou no Avon; podem não durar muito, mas pelo menos são seguros. Temos ainda os relógios, mas neste capítulo o essencial é honestidade e competência nos encarregados dos controlos, mas é sempre indispensável um bom relógio, embora seja difícil e dispendioso obtê-lo.

Afonso Hermes Sancho Espalha

A 1.ª Prova de Perícia da Costa do Sol

ORGANIZADA pelo Clube Nacional de Ginástica, com a colaboração técnica do Clube Arte e Sport e o patrocínio de Rádio Clube Português, realizou-se no passado dia 5, na Pareda, a 1.ª Prova de Perícia da Costa do Sol, que decorreu bastante animada e cuja classificação ficou estabelecida como segue:

VELOMOTORES: 1.º Rogério Freitas Sampaio; 2.º Fernando Silva; 3.º Armando Brito; 4.º Alvaro Vieira; 5.º Fernando Vilarinho; 6.º Rui Sena; 7.º José Gonçalves; 8.º Nunes dos Santos; 9.º Júlio Moniz; 10.º João Rodes; e 11.º José Moniz.

SCOOTERS: 1.ª Classe: 1.º José António Nunes dos Santos; 2.º Joaquim Faria Jr.; e 3.º Francisco Oliveira. 2.ª Classe: 1.º Fernando Espírito Santo; 2.º Nunes dos Santos; 3.º Agostinho Silva; 4.º Jose Correia; 5.º Carlos Anjos; 6.º Ruggero Rizzetti; e 7.º José Gonçalves.

MOTOS: 1.ª Classe: 1.º José Nunes Correia; 2.º Fernando Gomes; 3.º José Lopes; 4.º José Cruz. 2.ª Classe: 1.º Francisco Oliveira; 2.º Fernando Nogueira; 3.º Fernando Gaiaz; e 4.º Júlio Moniz.

No próximo dia 14, no mesmo local, haverá prova idêntica para automóveis.

Muitos dos concorrentes ao

I Circuito Motociclista de Lisboa



estavam prelegidos com os

capacetes **GENO**

MODELO SPORT — com e
sem pala

e fizeram a sua aprendizagem na

Escola de Condução

(Aprovada oficialmente)

Ligeiros Pesados — Motos

Uma das melhores no género

Escola: — R. de Compolide, 135-1.º
(a 100 m. da paragem de Compolide) —
Telefs. 59 261 e 59 951.

STAND: — Rua D. Pedro V, 5 — Telef. 20 497 — LISBOA

OFICINAS: — Rua de Compolide, 135-A e 135-B — LISBOA

MAIS VALE PREVENIR QUE REMEDIAR

Prioridades Nunca se preocupe com as prioridades de passagem. Deixe sempre que os outros passem. Não podemos confiar demasiado neles, temos que salvar a nossa integridade física e evitar consertos desnecessários na máquina, sempre morosos e caros.

Cruzamentos Abraque sempre nos cruzamentos. Certifique-se de que pode passar com segurança. Seja prudente se quiser conservar a vida.

Andam aí tantos *bárbaros* com volantes nas mãos que nunca sabemos quando podemos confiar.

Derrapagens Os terrenos molhados, enlameados, com areia ou com óleo são propícios às derrapagens. Tenha o máximo cuidado.

Se tiver de travar, faça-o suavemente. Desmultiplique com suavidade e não se incline.

De inverno traga os pneus com menos pressão e providencie para que não estejam demasiado *carecas*.

A *calçada à portuguesa* é uma maravilha para derrapagens.

Cuidados com os imprevistos Se vai fazer uma viagem mais ou menos longa, convém levar consigo as peças que mais dificilmente encontrará em qualquer lado e ainda cabos de travão e de embraiagem, lâmpadas, remendos para furos, pelo menos uma câmara de ar, uma

lata com gasolina (não se convença que há sempre uma «bomba» onde precisar dela) e uma lata com óleo, se o motor for a dois tempos.

Certifique-se sempre de que a ferramenta e a «bomba» de ar vão consigo...

Leve também um pedaço de arame que, por vezes, tem muita utilidade...

Arquivo

(Continuação da página 2)

«Venho manifestar o meu sincero apoio nas justas considerações postas com clareza e justiça à apreciação da D. G. V. no n.º 2 de *MOTO Jornal* e bem assim as palavras exaradas no artigo «Desastres» do mesmo número, são também de realidade evidente e flagrante.

Quere isto dizer que José dos Santos Marques está a ver com rara visão todos os problemas que mais directamente afectam aqueles que, por necessidade, possuem uma moto, scooter ou velomotor. Bem haja por tudo e que continui sem desfalecimentos».

João Viegas Falsa

Uma jovem promessa

ÂNGELO DINIZ

Vencedor das categorias de scooters e scooters com side-cars no I Circuito Motociclista de Lisboa

ÂNGELO Diniz é um jovem destemido que poderá vir a brilhar no firmamento motociclista nacional e internacional se não perder as suas qualidades combativas e a tenacidade de que tem dado provas. Terá, porém, que moderar a sua impetuosidade e ganhar em experiência e reflexão o profundo conhecimento de todas as pequenas cousas que fazem grande um campeão. Não basta conduzir com espectacularidade e audácia. Nas provas desportivas é preciso correr com calma e acerto, como um José Luiz Salgado ou um António Pinto, dando tudo por tudo quando é necessário, mas refreando os arrojados e as velocidades quando houver necessidade de chegar até ao fim e obter uma boa classificação.

Ainda recentemente *MOTO Jornal* ofereceu um prémio ao último classificado de um rali, o qual coube precisamente, a Ângelo Diniz e já hoje temos o prazer de o ver triunfar em duas provas do I Circuito Motociclista de Lisboa, proeza que só ele cometeu. Convirá, porém, acrescentar que se Ângelo Diniz tivesse maior presença de espírito e prestasse mais atenção ao decorrer do rali em questão, efectuando-o com mais calma, talvez tivesse ficado em primeiro e não em último lugar e a demonstrá-lo está o rali da FNAT, cuja prova de perícia, de características idênticas, foi efectuada no meamo local, onde obteve um empate com o primeiro classificado da sua categoria.

Deixemos, porém, para trás este episódio da sua *infância* desportiva e ocupemo-nos da posição de destaque que conseguiu em Monsanto.

Além das duas provas agora disputadas, onde se classificou em primeiro lugar, Ângelo Diniz obteve dois segundos lugares e mais quatro outras classificações de menor importância nas provas em que participou, sempre em scooter Heinkel.

Temos sempre interesse em ouvir os jovens, porque serão eles os corredores que amanhã encontraremos nas pugnans desportivas. Deste modo, após a conclusão das provas de Monsanto, quizemos ouvir as suas palavras. Começamos por inquirir:

—Foram difíceis as suas vitórias?

—A primeira, embora me tivesse batido com máquinas de cilindrada superior à minha e pilotos de valor comprovado, foi bastante fácil. Não tive sequer necessidade de exigir da Heinkel tudo quanto ela poderia ter dado.

A competição de side-cars foi muito mais difícil, até mesmo porque as máquinas eram de valor igual e al-

guns dos seus tripulantes experimentadíssimos. O meu colega Amílcar Alves tudo fez para me vencer, mas consegui obter a vitória e sinto-me bastante satisfeito.

—Quais os pontos do Circuito que foram para si mais difíceis?

A curva de Montes Claros e a que fica antes da Cruz das Oliveiras.

—Qual o emocionou mais, a corrida de scooters simples ou com side-car?

—Sem dúvida a de side-cars. Foi verdadeiramente emocionante.

—Qual foi o corredor que considerou seu mais perigoso adversário?

—Na corrida de scooters simples, como lhe disse, não tive quaisquer dificuldades. Em side-car, Amílcar Alves foi o único que me ofereceu luta séria.

Ângelo Diniz é um rapaz simples que esperamos poder ainda vir a entreverstar novamente para *MOTO Jornal* como um grande corredor. Entretanto desejamos-lhe muitos progressos.

Bella
ZÜNDAPP



A MELHOR
ENTRE AS
MELHORES

Distribuidores:
LISBOA GARAGEM, L.ª
Rua Alexandre Herculano, 11 - E
Telefone 55536 — LISBOA

Representante:
Sociedade Zickermam, S. A. R. C.

O CIRCUITO Motociclista de Lisboa decorreu com bastante brilhantismo e boa organização. As provas disputadas tiveram inegável interesse e a luta travada entre concorrentes foi, por vezes bastante renhida e emocionante.

O público, porém, totalmente iludido no sua expectativa, não pode seguir o desenrolar da competição pelas inexplicáveis e exageradas medidas de segurança que lhe foram impostas e às quais — é indispensável acentuar-se — a organização foi absolutamente alheia. Desta forma, por muito boa vontade e precioso esforço que os organizadores dispõem, é impossível criar o ambiente propício, e tão necessário, ao progresso, intensificação e popularização das provas motociclistas, as quais, antecipadamente, constituirão sempre um malogro financeiro e espectacular pelo afastamento dos espectadores e uma má propaganda para a modalidade.

Bom seria que o Moto Clube de Lisboa fizesse ver aos responsáveis as consequências das exageradíssimas medidas tomadas, que atestam inexperiência e hesitação.

Ponhamos, porém, de parte a única nota triste do magnífico I Circuito Motociclista de Lisboa, que esperamos tenha continuidade nos próximos anos, mas em local que melhor possa servir o público e com a meta em sítio de mais ampla visibilidade, e relatemos o que nos foi dado presenciar, a pesar de todas as absurdas limitações.

A partida para a primeira prova do Circuito foi dada por João Ortigão Ramos, presidente do A. C. P.. As restantes por António Noronha, director do Circuito.

Na prova de motos de competição de 500 c. c., António Pinto evidenciou largamente a sua grande classe, fazendo uma prova magnífica. Albano Jacques fez quanto pôde, aliás brilhantemente, com a sua velha máquina de 350 c. c. e José Luís Salgado teria sido adversário perigoso para António Pinto se não fosse a queda que o atrasou sensivelmente e que lhe fez perder todas as esperanças de se guindar ao primeiro lugar; mas lutou inteligentemente

pela conquista do segundo que não lhe foi difícil obter.

Na primeira volta a prova era comandada por Isaac Caetano, que veio a desistir, por queda, que não teve, felizmente, consequências. A sua actuação foi demasiado precipitada para que pudesse tirar todo o partido das suas possibilidades.

Salgado comandava na segunda volta, ultrapassado na terceira por Isaac Caetano. Na quarta ia Salgado novamente à cabeça.

António Rodrigues, entretanto, ia ganhando avanço e comandava na 5.ª, 6.ª e 7.ª voltas. Daí em diante, até final, António Pinto foi o grande triunfador, conseguindo apreciáveis avanços sobre o mais directo competidor, que era José Luís Salgado, ganhando folgadoamente.

Sucessivamente iam ficando fora da prova: Giordano Ferreira (por avaria), Isaac Caetano (por queda), Jorge Ramos, António Rodrigues (ambos por avaria). Alberto Pereira saiu mas reentrou pouco depois, para passar a dar mais rendimento.

Dos dez concorrentes que iniciaram a prova apenas seis chegaram ao final e somente três deram as vinte cinco voltas.

Como espectáculo, a prova de motos de 500 c. c. de sport foi mais emotiva. José Luís Salgado brilhou a grande altura, fazendo uma prova esplêndida, sem grandes esforços e ganhando com justiça. A partir da terceira volta nunca mais abandonou o comando da prova.

Joaquim Pereira de Sousa teve igualmente uma actuação notável, conquistando com distinção o segundo lugar. É um corredor com o qual há a contar.

Dos dezassete concorrentes inscritos só onze alinharam à partida. A prova foi bastante movimentada. Ângelo Ferraz teve um despiste mas voltou à corrida. Isaac Caetano, à 4.ª volta, sofreu segunda queda, bastante espectacular, pois a

O 1.º Circuito Motociclista de Lisboa

constituiu uma grandiosa manifestação desportiva que as limitações impostas ao público impediram de alcançar um êxito total.

O Moto Clube de Lisboa mereceu sinceros aplausos de todos os motociclistas

(Da nossa equipa de reportagem)

sua máquina foi literalmente projectada pelo ar, e de maiores consequências do que a primeira, sendo forçado a desistir e tendo que ser pensado.

António Pinto abandonou à 4.ª volta, por avaria. Na 15.ª José Nunes da Silva também saiu fora da prova e a corrida terminou com oito corredores, dos quais somente quatro conseguiram dar 25 voltas.

Se António Pinto e Isaac Ca-

se houvesse competição de marcas, no entanto deu-nos ensejo de presenciar uma luta emocionante entre o jovem e destemido Ângelo Diniz e o experimentado Amílcar Alves, da qual saiu triunfante o primeiro. Acentuou-se ainda a magnífica qualidade da Heinkel e a esplêndida actuação da sua já consagrada equipa, desta vez sensivelmente aumentada.

António Rodrigues, condutor

C não alinharam dois concorrentes, tendo o 84 sido substituído pelo 107.

Domingos Catula, na classe 350 Sport, triunfou em absoluto, mantendo-se à cabeça desde o primeiro instante.

Gomes Pereira desistiu à terceira volta e Domingos Malhou, o grande favorito da categoria de 250, teve de abandonar à nona volta, por avaria mecânica. Daí em diante a luta existiu

timo lugar. Ou Espírito Santo confiou demais, o que não é de admitir num corredor de grande experiência, ou quis divertir-se à sua maneira...

No sábado disputaram-se em conjunto as provas das classes F e C, para *scooters*.

Logo à partida Ângelo Diniz colocou-se na primeira fila, onde se manteve até final, vencendo folgadoamente e sem ter necessidade de recorrer ao máximo de velocidade.

Vasco da Câmara Pereira foi um adversário valoroso que arduamente deligenciou obter o primeiro lugar.

Estas provas foram disputadas entre vinte e um concorrentes, dos quais foram forçados a desistir: António Ferra, por acidente e Carlos Espada, da classe C. e Fernando Espírito Santo e António Rodrigues, ambos por avaria, da classe F.

Baptista Rodrigues, por não ter treinado, desistiu de alinhar.

Arsénio Machado fez uma prova notável e Rui de Noronha alardeou categoria, obtendo merecida vitória.

José Maria Lino, o último classificado, demonstrou espírito des-

portivo correndo com uma máquina de 125 c. c. ao lado das preparadíssimas 150.

Perdigão Garcia poderia ter-se classificado em primeiro ou segundo lugar se não fosse a sua máquina ter-se avariado. Nos treinos a sua classe ficou exuberantemente demonstrada.

José Luís Salgado deixou-se bater por Castela Jacques num segundo e vinte e quatro décimos.

Agostinho Silva manteve sempre a mesma toada, conseguindo fazer uma prova bastante regular.

As provas de velomotores iniciaram-se com ensurdecadora barulheira de motores e isto porque os organizadores do Circuito, não sabemos porque critério, resolveram dar a partida com os motores a trabalhar, muito embora o elevado número de concorrentes mais aconselhasse o arranque por corrida.

Foram vinte e três os concorrentes que se lançaram na conquista dos primeiros lugares. Todavia o 44, José Martins Ferreira, em Pachancho, comandou a prova desde o início com apreciável avanço sobre os outros concorrentes. A Pachancho voltou a triunfar em toda a linha. Jaime Fernandes, porém, fez tudo quanto pôde para se classificar o melhor possível, mas só o terceiro lugar ficou ao seu alcance.

(Continua na página 7)



Alguns dos vencedores do Circuito Motociclista de Lisboa: António Pinto, motos de competição de 500 c. c.; José Luís Salgado, motos sport de 500 c. c.; José Nunes Correia, motos sport de 250 c. c.; Ângelo Nunes Diniz, scooters de 151 a 200 c. c. e scooters com side-car; Rui de Noronha, scooters até 150 c. c.; e José Martins Ferreira, velomotores de competição.

tano tivessem conseguido chegar até final, a prova teria conseguido maior emoção e a luta seria mais empolgante.

Afonso Espalha, como previra na entrevista que nos concedeu, não logrou uma boa classificação, mas a sua velha máquina não lhe dava mais possibilidades, outro tanto acontecendo a Valentim Lopes Neto, que não conseguiu despachar a lanterna vermelha.

Estes corredores vão «três passar» as suas máquinas para poderem competir em igualdade de circunstâncias com os seus mais directos competidores.

A prova de *scooters* com *side-car* teria ganho em espectáculo

de grande classe, à parte as magníficas curvas executadas com segurança e maestria, pareceu-nos alheado do resultado, não dando a luta a que estamos habituados.

Amílcar Alves, que se manteve no segundo lugar até à segunda volta, foi um adversário perigoso para Ângelo Diniz, que só dificilmente conseguiu vencer.

É de assinalar o esforço de José Luís Salgado que no mesmo dia fez três provas seguidas.

Alguns dos paquetes denotaram pouco arrôjo e alguma inexperiência.

As classes C e D foram disputadas em conjunto. Na classe

unicamente entre Nunes Correia, Gomes Terenas, Luís Fernandes e Alvaro Ferreira. Correia e Terenas levaram a vantagem devido às modificações introduzidas nas suas máquinas que, por essa razão, conseguiram melhor rendimento que a Puch de Luís Fernandes, embora as diferenças de cilindrada fossem importantes.

Victor Névoa não foi o corredor que estamos habituados a ver, obtendo apenas um modestíssimo penúltimo lugar.

Espírito Santo correu inferiorizado com uma máquina de 125 c. c., sem amortecedores dianteiros, ficando, como antecipadamente se previa, em úl-

O TROFÉU «BRIO DESPORTIVO»

que MOTO Jornal ofereceu, vai ser exposto em Lisboa, numa das principais casas da «baixa».

MOTO Jornal é demasiado jovem para ser lembrado pelos atarefados organizadores de provas, mas, pela sua parte, nunca se esquece da posição de vanguarda e de único elemento representativo na Imprensa do motociclismo nacional, aliás bem reconhecida pelos seus milhares de leitores. Por este facto quis estar duplamente presente em Monsanto com a sua equipa de reportagem e com a oferta de um troféu que vai ser exposto em Lisboa, numa das principais casas

da «baixa» e depois no Montijo, na conhecida casa SETEL.

O troféu destina-se a ser atribuído, por votação entre todos os concorrentes, ao corredor que, durante as provas realizadas em Monsanto, demonstrou possuir inegáveis qualidades de desportista e que nos orgulharemos de apresentar como exemplo.

Aguardamos que o Moto Clube de Lisboa e os organizadores do I Circuito Motociclista de Lisboa consultem todos os concorrentes para apurar a quem cabe o troféu.



CURIOSIDADES DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Traduzido e condensado por JORGE RAMOS

■ Cientistas americanos estudam a possibilidade de neutralizar o ruído dos motores a jacto, por meio de uma «fonte externa de ruído» que elimina os «picos» das curvas das ondas sonoras.
—(da Revista *Concordia* — Génova).

■ Hoje o cancro é o principal causador da morte das mulheres. Em cada cinco mulheres, entre os 35 e os 65 anos, morre uma desta terrível enfermidade.
—(do *Corrêse-Magazine*).

■ Erva em pó será utilizada na cozinha moderna. Contém todas as vitaminas das frutas e vegetais em quantidades maiores.
—(de *La Semana Ilustrada* — México).

■ Surgiu em França uma nova ciência: a *filmologia*. Psiquiatras notáveis, psicólogos e educadores, começaram a estudar a sério a influência do cinema sobre o espectador. Foram *filmadas* as reacções de crianças e adultos durante a projecção do filme.
—(de *Il Mezzogiorno d'Italia* — Foggia).

■ Em Sidney (Austrália) uma agência funerária iniciou viagens de avião todos os meses para lançar sobre o Pacífico as cinzas dos mortos incinerados — pelo modesto preço de dois dólares.
—(do diário libanês «*Annahar*»).

■ O Departamento do Tesouro dos E. Unidos retirou da circulação uma emissão de notas de cem dólares, que um falsificador imitaria com tal perfeição que era impossível distingui-las das que haviam sido produzidas oficialmente.
—(de *Scena Illustrata* — Florença).

■ O director do Instituto de Pesquisas da Argentina afirmou no Congresso Médico de Buenos Aires que descobriu um antibiótico contra o cancro: a «candimicina», experimentada em ratos com resultados positivos em 4 casos sobre 6.
—(do diário *Haaretz* — Jerusalém).

■ A União Internacional de Protecção à Natureza organizou uma relação dos animais que se vão tornando raros no mundo: o leão asiático, a cabra das montanhas, o antilope gigante, o búfalo da África do Norte, o orangotango de Borneo, a aves-

truz da Arábia e o condor da Califórnia.

—(de *Corriere Elbano* — Portoferraio).

■ Numa pequena vila do interior dos E. Unidos está a funcionar um relógio que consta apenas de um mostrador com ponteiros, e uma alavanca ligada a um *geyger*, cujos jactos de água a ferver se sucedem com intervalos regulares de 38 segundos.
—(de *La Voz del Pacífico* — Puntarenas — Costa Rica).

■ A Suécia aperfeiçoou o protótipo de uma estação meteorológica marinha que permitirá melhorar as previsões do tempo. Transmite informações pela rádio automaticamente e é montada sobre uma bóia, que pode ser ancorada em qualquer local e deixada sem assistência durante seis meses.
—(do *Régio Democrática* — Régio Emilia).

■ O emprego de antibióticos nas plantações da Flórida está ajudando a controlar eficazmente as pragas nas plantações de pimenta.
—(da revista *Carabin* — Montreal).

■ Joan Durand, de 14 anos, possui e dirige em *High Frosh* uma «fábrica de moscas» para a pesca de trutas, na qual emprega seis pessoas. Tem encomendas de 2.500 dúzias de moscas.
—(da revista *Controvento* — Pescara).

■ O tesoureiro do Estado de Utah recebeu pelo correio um cheque de dez dólares, enviado num sobrescrito procedente de Dayton, Estado de Ohio. Uma nota anexa explicava que o arrependido remetente, durante uma viagem realizada há vários anos, subtraira da estrada duas placas indicadoras.
—(de *El Horizonte* — La Dorada — Colombia).

■ Estão a desenvolver-se novos métodos mais aperfeiçoados de mineração e emprego da taconite (minério de ferro de grau mais baixo), do que resultará a criação de uma nova indústria em larga escala nos E. Unidos.
—(do *Tunes-Soir* — Tunis).

■ Um jornal de Londres publicou o anúncio de uma senhora que está procurando quem queira aceitar, como presente, um leopardo habitado... a brincar com

crianças. Ninguém respondeu ao anúncio.

—(de *Umanita Nuova* — Roma).

■ O prof. Pomiade, cientista francês, declarou que a misteriosa substância que transforma os ovos e larvas normais de abelhas em rainhas pode ser utilizada para combater grande número de doenças. Essa substância talvez fosse conhecida pelos antigos gregos como o «alimento dos deuses», de que falava a mitologia.
—(de *The Nation* — Rangun).

■ Em Nova Iorque os neurologistas fizeram uma estatística sobre a influência das profissões sobre o sistema nervoso e chegaram à conclusão de que os condutores de locomotivas são os que possuem o carácter mais suave. Os professores têm propensão particular para a irritabilidade.
—(do *Messaggero Veneto* — Udin).

■ Descobriu-se um novo processo de enlatamento que gasta apenas dois por cento do material empregado normalmente. O novo processo consiste em usar «folhas de Flandres» apenas nas margens das folhas de aço que formam os lados da lata...
—(do diário *Jerusalém Post*).

■ Nada menos de 180 entre 200 pacientes admitidos no Hospital de Cincinnati, para tratamento cirúrgico, revelaram-se mentalmente doentes. Metade desses casos mostrou decidida relação entre a doença mental e a doença física, evidenciando uma delas ter agravado a outra.
—(de *Gazeta Padana* — Parma).

■ Pensa-se em extrair carvão das minas sem necessidade de os mineiros trabalharem debaixo da

terra. O carvão passaria a ser gaseificado por meio de forte corrente de ar injectada através de um orifício na superfície, e de um outro orifício obter-se-ia o gás, captando-se assim, na superfície, a energia térmica do carvão.
—(do *Front-Latin* — Paris).

■ Novo processo descoberto nos E. Unidos permite a remoção contínua e sem perigo dos átomos radioactivos presentes nos resíduos dos reactores nucleares: são filtrados através de um cilindro de fitas de argila, denominada morilonita. Depois de saturados de metais radioactivos permanecem por muito tempo, até que se dissipe a radioactividade de que são portadores.
—(da revista *Conjonction* — Haiti).

■ O laboratório de pesquisas de Massacrut conseguiu realizar um tubo de 30 metros que produz ondas mais quentes que a temperatura da superfície do sol. As ondas caminham com velocidade 25 vezes maior que a do som. O dispositivo fornecerá dados úteis para o desenho de satélites artificiais.
—(de *La Sentinela del Canavese* — Ivrea).

■ Ao misturar sangue de pessoas atacadas de reumatismo com a globulina gama, o dr. Epstein observou estranha precipitação. Tentase identificar agora as substâncias que causam a precipitação, na expectativa de que, esclarecendo este facto, talvez se chegue a descobrir a verdadeira causa do reumatismo.
—(da revista *Scienza i Vita* — Roma).

■ A ideia, generalizada, de que uma explosão cósmica há 4 biliões de anos criou os elementos químicos existentes hoje no Universo

parece contrariada por observações recentes do dr. Fowler, que sugere que todos os elementos, com excepção dos mais leves, tenham sido formados por estrelas constituídas pela matéria emitida por estrelas mais velhas.
—(da revista *Mancinallas* — Colômbia).

■ Os cálculos renais, difíceis de localizar, poderão agora ser vistos com facilidade, mediante o emprego de um novo dispositivo que fornece imagens semelhantes às das radiografias vulgares.
—(do *Corriere Artigiano* — Turim).

■ Segundo verificação dos veterinários que trabalham num centro de pesquisas caninas, os cães que vivem mais, chegando à idade de 17 anos, que corresponde a 100 anos na espécie humana, provêm de lares felizes onde recebem carinho e uma boa ração.
—(de *New Universal Union* — Teheran).

■ Um estranho líquido, que apenas conduz o calor numa única direcção, permite que os físicos da Duke University atinjam temperaturas próximas do zero absoluto! O líquido é a mistura do isótopo 3 do Lítio, que é raro, e do isótopo 4.
—(de *Gazzeta di Veneto* — Veneza).

■ O dr. Peter King afirma que às cinco da manhã há mais 48 por cento de nascimentos que durante o resto do dia. O período em que há mais concentração de nascimentos é das quatro da madrugada às nove da manhã.
—(do «*Journal de Toulon*»).

■ Um processo radioactivo para amadurecer instantaneamente frutas e vegetais foi descoberto pelo professor Macbeam, que chegou à conclusão de que a irradiação de certos produtos químicos em frutas verdes produz as mesmas mudanças que o processo normal de amadurecimento.
—(do *Standart Times* — N. Bedford).

■ Em *Los Alamos*, um aparelho está a efectuar cálculos num espaço de dez mil dimensões, tentando assim saber o que acontece quando partículas, chamadas «pions», atingem o núcleo dos átomos de hidrogénio.
—(de *Il Corriere di Catania*).

SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MORTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM